

## **DESLIZAMENTO DE SENTIDO E CONTROLE INTERPRETATIVO POR MEIO DA NOMEAÇÃO NO CASO DE UMA NARRATIVA ORAL BRASILEIRA**

### **SLIDING DIRECTION AND CONTROL THROUGH INTERPRETIVE NOMINALIZATION IN CASE OF AN BRAZILIAN ORAL NARRATIVE**

Anderson de Carvalho Pereira (UESB)  
Leda Verdiani Tfouni (USP)

**Resumo:** A partir do referencial teórico da Análise do Discurso francesa (AD), nosso objetivo é mostrar de que maneira a memória discursiva sustenta regiões do sentido em que a interpelação ideológica dos arquivos impõe ao sujeito do discurso, no caso de uma narrativa oral, uma forma de lidar com o deslizamento dos sentidos, que obriga lançar mão da nomeação. Aborda-se o deslizamento de sentido em função da interpelação ideológica, a qual recalca alguns pontos da memória sócio-histórica (interdiscurso); disso decorre um processo de naturalização semântica que interfere no processo de produção de uma narrativa oral por uma mulher brasileira negra e não-alfabetizada. Trata-se da narrativa intitulada “Piqueno Piqueninho”, que sinaliza pontos de ressignificação de “Pequeno Polegar”, coletada por Perrault. A análise mostra como a mobilização de certas regiões do interdiscurso possibilita ao sujeito ocupar posições, que valorizam a singularidade dos gestos de interpretação, dentre estes, o uso da nomeação, que assegura ao sujeito um lugar de alienação/separação com mecanismos do discurso da escrita, por conta do efeito de unidade e retroação.

**Palavras-chave:** narrativa; discurso; letramento; nomeação.

**Abstract:** Based on Discourse Analysis theory, and using the analysis of an oral narrative produced by an illiterate woman, our aim is to evidence the ways discursive memory uses to support sites of meanings that the subject uses in order to deal with the constant sliding of senses. We will focus our remarks specifically on “naming” (designation), a linguistic device where the interpellation by ideology is especially evident. This mechanism of naming causes a process of naturalization of meanings, so that it seems impossible to the subject to select other – alternative - forms, and also interferes in the process of narrative production. The narrative chosen is named “Piqueno Piqueninho”, which shows points of signification similar to “Little Poucet” collected by Perrault. The analysis shows that the process of naming maintains the subject in certain places of saying, clearly supporting some gestures of interpretation, but, at the same time, separates the subject from other possible places of interpretation, revealing a contradiction between alienation and separation, wherein the control of interpretation is guaranteed by an unity effect.

**Keywords:** narrative; discourse; literacy; nomination.

#### **Introdução**

Neste artigo, nosso objetivo é mostrar resultados da análise indiciária de uma narrativa oral brasileira, que apontam formas da interpelação ideológica do arquivo,

mobilizado a partir de algumas regiões do sentido já dispostas no interdiscurso, determinar uma marca de singularidade do sujeito do discurso em que está em jogo o uso da nomeação. Considera-se que este recurso, além de fazer parte da forma de sustentação da autoria do texto oral, indica formas singulares da interpelação pela ideologia.

Para mostrar isto, trazemos a análise de quatro sequências discursivas (SDs) retiradas da narrativa “Piqueno piqueninho” contada por uma brasileira analfabeta. O ponto de sustentação da análise é o movimento de paráfrase, que se fundamenta numa sequência discursiva de referência (SDR), cujo ponto de sustentação é a narrativa “Pequeno Polegar”, coletada por Perrault (1999). Para mostrar de que maneira ocorrem estes mecanismos discursivos, é necessário apresentar dona Madalena, a contadora desta narrativa, bem como apresentar algumas noções teóricas mobilizadas, a saber: sujeito, sentido, formação discursiva (FD), memória e arquivo.

### ***Quem é Dona Madalena?***

Trata-se de uma mulher negra, não-alfabetizada e moradora da periferia de Ribeirão Preto, estado de São Paulo, Brasil. Podemos considerá-la ainda como uma espécie de personagem real, cuja descrição pode ser feita referindo-se a este personagem de caráter “diplomático na literatura oral” que, de acordo com Cascudo (1984, p.143), foi a “mãe preta” brasileira. Ela própria, muito provavelmente, é descendente direta de escravos. Estes fatos não são colocados aqui com intenção biográfica, mas sim porque são constitutivos a identidade do sujeito. Formam uma rede de sentidos que a ampara no momento de narrar.

Ela é uma contadora das histórias que diz ter aprendido com os pais e avós e com as histórias que diz ter inventado, em momentos em que precisava distrair os filhos, por ocasião de algum acontecimento extraordinário de sua vida diária.

Dona Madalena relata que já contou suas histórias em lugares como velórios e excursões. Essas situações mostram como a atividade de contar histórias marca sua vida e lhe confere uma assertividade diante dos grupos em que convive. Sua prática de contadora de histórias caracteriza-se como um contra-discurso diante do discurso da escolarização e o científico.

### **Do interdiscurso à interpelação ideológica do arquivo**

Em AD, sujeito e sentido estabelecem uma relação correlata e dialética. A partir de Pêcheux (1993), podemos entender que o sentido é uma espécie de “produto” em constante construção pela ideologia, a qual recalca alguns pontos da memória discursiva (interdiscurso), num processo de naturalização semântica que interfere no processo de significação.

A análise que segue encaminha uma sistematização das manobras interpretativas operadas pelo sujeito-narrador ao tentar lidar com alguns sentidos já presentes em histórias da tradição oral; ao mesmo tempo em que ele põe em circulação algumas reviravoltas destes sentidos “já-lá”, “mesclando” elementos da forma oral do arquivo com efeitos de atualização. A partir das colocações feitas até aqui, cabe perguntar: como dar sentido, se o sentido é “já-lá”?

Em suma, Indursky (2007) toca o seguinte ponto crucial para este trabalho: a relação entre as posições do sujeito e as formações discursivas que o interpelam se configuram por certa porosidade entre ambas, e isso permite ao sujeito, mesmo diante do discurso dominante, marcar sua singularidade. A interpelação ideológica contribui para a constituição do sentido, e de outro modo, para afirmar a falha do ritual das FDs, as quais permitem que, mesmo alienado ao campo de dizeres estabelecidos por uma FD, o sujeito possa enunciar, por meio do esquecimento dessa alienação à FD que rejeita.

Mas como neste ritual das FDs há falhas, ou seja, não há alienação plena do sujeito, há a porosidade mencionada por Indursky, que, no caso, acredita-se que se abra por meio de uma lacuna no arquivo mobilizado.

Essa engrenagem discursiva na qual está inserido o “discurso narrativo” retroage com os arquivos, no sentido de “textualidades” não necessariamente documentáveis, mas na forma de uma organização das possibilidades de interpretação de zonas estáveis do interdiscurso, a depender da interpelação ideológica (PÊCHEUX, 1997). Trata-se de uma estabilização semântica, que possibilita à memória tomar a forma de arquivos.

Guilhaumou, Maldidier e Robin (1994) apontam que a noção de arquivo permitiu aos analistas do discurso romper com os limites da noção linguística de *corpus*, inicialmente restrita às condições de produção.

Conforme apontam esses autores, o arquivo é opaco e mutante; não mais considerado um conjunto de textos, que denotaria diretamente estruturas sociais e acontecimentos de um grupo, tampouco suporte institucional. Em suma, suas bases

materiais são também formas de a ideologia se sustentar; entretanto, como parte de uma sistematização que se apresenta sob um caráter “orgânico”, no sentido de naturalmente sistematizado de uma determinada forma, e com a possibilidade de um tipo de mobilização.

A partir deste efeito, chama a atenção o fato de o discurso narrativo, na forma oral, ser produzido por uma mulher não-alfabetizada. Esse furo na organicidade do arquivo a partir do funcionamento da ideologia é levado em conta, na medida em que possibilita denunciar e obturar o fosso entre saber oralizado e o escrito, fosso esse que traz como resultado um processo de esfacelamento dos mecanismos de inclusão e exclusão sociais, possíveis de serem traduzidos, por exemplo, em termos do acesso ou não à alfabetização, que desvalorizam a circulação da oralidade nas produções culturais brasileiras.

### **Formação e análise do *corpus***

A narrativa oral analisada neste artigo foi coletada em 2007, no período de continuidade a coleta de dados da pesquisa “Mito e autoria nas práticas letradas” realizada em nível de Doutorado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto-SP, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. O registro deste material integra um banco de dados composto por 34 narrativas e foram registradas em sessões realizadas na casa de dona Madalena. Ressaltamos que a análise da narrativa ora apresentada não aparece no texto final da tese mencionada.

A análise da narrativa aqui apresentada segue os fundamentos do paradigma indiciário, o qual, conforme Ginzburg (1989), remonta longinquamente à própria atividade humana de caça. Trata-se de um sistema de análise, cuja força se deu a partir do fim do século XIX e apontou a importância de se levar em consideração os “dados” aparentemente negligenciáveis na interpretação de um problema da realidade. Ginzburg (1989) explica que a sistematização de tal método ocorreu principalmente pela atribuição de autoria a algumas obras de arte encontradas num acervo de pinturas abandonado ao esquecimento. Esse trabalho detetivesco, feito pelo artista Morelli, exigia a interpretação de traços aparentemente irrelevantes, como manchas, rabiscos nas molduras, o formato de uma unha, tipos de materiais utilizados, espécie de memória que se colocava à

investigação na superfície significativa e que indiciavam, pela particularidade, a autoria dessas obras.

De forma geral, as características do método indiciário, podem ser resumidas nos seguintes tópicos: valorização da opacidade da linguagem e da singularidade das pistas; engrenagem complexa dos “dados”, que sempre remontam às várias possibilidades não lineares de teorização; delimitação de uma questão teórica acompanhada de gestos de análise que não se esgotam; caráter venatório, ou seja, remissão das pistas, *a posteriori*, às questões anteriormente formuladas.

Trata-se de considerar pistas não diretamente alcançáveis no primeiro contato do pesquisador com o material coletado tal que indiquem *a posteriori*, outros rumos para as questões inicialmente levantadas. Como comenta Tfouni (1992a), os “dados” nesse paradigma metodológico são indícios que sinalizam que a relação do pesquisador com seu objeto é tão indireta quanto o é a relação entre sujeito e linguagem.

A seguir, veremos de que maneira, na narrativa “Piqueno Piqueninho”, contada por Dona Madalena, ocorrem mecanismos de retomada da tradição (a saber: da narrativa “Pequeno Polegar”, coletada por Perrault (1999)). Seguindo o método indiciário, delineado acima, atraem a atenção do analista as rupturas e paráfrases, que desenham uma região aparentemente estável do interdiscurso. A determinação pela ideologia, por sua vez, por meio do modo de organização dos arquivos, rege uma forma de distribuição dos sentidos, que se apresenta de forma lacunar, lançando à função imaginária do sujeito do discurso o desafio de controlar a deriva dos sentidos. Diante desse impasse, que vem interromper o ato de narrar e a emergência do sujeito, a saída é o recurso a uma interpretação provisória, ilusória, porém necessária: a nomeação.

A propósito da narrativa em questão, o que mais chamou a atenção foi a indistinção dos nomes “Piqueno” e “Piqueninho”. Como será visto adiante, há no início da narrativa, em “Nóis, nóis vai pegá tud, os dois, os dois que tá di “capacete”, os que tá sem “capacete nóis largá lá. Nóis num mata não que é filho nosso”, uma marcação explícita feita pelo sujeito-narrador de que se trata de dois personagens.

Posteriormente, há, no uso de apenas um nome, a tentativa de controlar a dispersão em relação à retomada dessa história, dispersão essa típica do discurso da oralidade.

Inicialmente, mostraremos lugares do discurso narrativo onde alguns mecanismos dessa retomada ocorrem. Em seguida, analisaremos como este mecanismo de dispersão

dos nomes (que, à primeira vista, está alienado ao nome “Pequeno Polegar”), interfere na assunção da autoria.

Em “O Pequeno Polegar”, Perrault (1999) conta que um casal de lenhadores tinha sete garotos, sendo que o mais novo deles era tão fino quanto o dedo polegar. Como não podia criá-los, o casal decide enviá-los para trabalhar na floresta, pois os pais queriam “perdê-los”. Porém, Pequeno Polegar coloca migalhas no caminho para não perder o caminho de volta. Enquanto perambulam pela floresta, os garotos pedem asilo na casa de um Ogro, que lhes oferece comida. A mulher do Ogro coloca-os para dormir perto das sete filhas do casal, e, quando volta ao quarto, vê que as filhas foram degoladas pelo pai. Isso ocorre porque Pequeno Polegar retira as coroas de ouro da cabeça das filhas do Ogro e coloca na cabeça dos irmãos. Em seguida, Pequeno Polegar rouba as botas “de sete léguas” do Ogro que, ajustadas aos seus pés, permitem a sua fuga. Depois, volta à casa do Ogro e extorque riquezas da sua mulher, para ajudar os pais pobres, que o aguardam no lar de origem. O Ogro é vítima, portanto, das artimanhas de Pequeno Polegar.

Em “Piqueno Piqueninho”, por sua vez, dona Madalena relata a trajetória de dois irmãos gêmeos que foram dormir na casa de um gigante. Este e a mulher decidem matá-los à noite. Para isso, aproveitam-se do hábito dos irmãos gêmeos de usarem capacetes na cabeça. Ao irem dormir, Piqueno e Piqueninho colocam os capacetes nos filhos do gigante, e estes equivocadamente são mortos pelos próprios pais. Piqueno e Piqueninho fogem então para a casa do rei. Em seguida, mesmo ao perceber a morte dos filhos e a partida de Piqueno e Piqueninho, o gigante quer que estes o busquem para ir à casa do rei, com o objetivo de fazer as pazes com ele. Sob pretexto de restabelecer a ligação entre o rei e o gigante, Piqueno e Piqueninho buscam primeiramente uma coberta que o gigante empresta ao rei para este enfrentar uma noite de frio. Aproveitando-se da bondade do gigante, o rei, por sua vez, envia o recado que também está interessado em refazer as pazes, mas aproveita-se deste pretexto para enviar Piqueno e Piqueninho mais uma vez em missão; desta vez, para pegar o papagaio do gigante. Na ocasião, eles são reconhecidos pela mulher do gigante, que os prende. Eles prometem que, se soltos, ajudam-na a rachar lenha. Acreditando nisso, a mulher do gigante os liberta e é morta. O papagaio é levado. Mais uma vez, utilizando-se do pretexto de que vão buscar o gigante para ir à casa do rei refazer a amizade, Piqueno e Piqueninho levam, finalmente, o gigante à casa do rei. Por fim, o gigante mata o rei, revelando sua falsa intenção de refazer as pazes.

Vamos à análise. Num primeiro momento, chama a atenção a retomada da troca das coroas, no conto de Perrault (1999), pelo capacete, na história contada por “dona” Madalena, ou seja: o significante “capacete” indicia, por meio da atualização da memória, a troca das coroas que vemos na versão de Perrault (1999). Ilustramos com a seguinte sequência discursiva de referência retirada de Perrault (1999, p. 118):

**Sequencia Discursiva de Referência** – “e eles estavam todos os sete numa grande cama, cada um com uma coroa de ouro na cabeça. Havia no mesmo quarto outra cama de mesma proporção; foi nesta cama que a mulher do Ogro colocou pra dormir os sete garotos (...) O pequeno polegar que havia assinalado que as filhas do Ogro tinham coroas de ouro na cabeça (...) depois de haver tirado as coroas delas que ele pôs sobre a sua cabeça e a dos irmãos, para que se passasse diante do Ogro por suas filhas, e suas filhas por garotos que os queria degolar. Aconteceu como ele havia planejado.<sup>1</sup>

A retomada que queremos mostrar pode ser vista na seguinte SD da narrativa de “dona” Madalena.

**Sequência Discursiva 1** – (v.n.<sup>2</sup>) O gigante fala pa muié dele:  
(v.p.gigante) - Nóis, nóis vai pegá tud, os dois, os dois que tá di **capacete**, os que tá sem **capacete** nós largá lá. Nóis num mata não que é filho nosso.  
(...)  
(v.p.gigante) - E cadê o Piqueno Piqueninho?  
(v.p. mulher do gigante) - Ah! Ah, ele num tá aqui não. Aí, eu abri aqui ó.  
(v.n.) Ele já tinha subido pa tráis, tinha ido embora, **pelo terraço**, eles tinha ido imbora. (...)  
(v.p. Piqueno e Piqueninho) - U seu rei, siô, siô rei, eu tive na **casa** do gigante e o gigante falô assim, si o siô quisé, ele, é pa vim buscá a cuberta dele po sinhô cubri, porque tá fazeno frio, **o gigante dá aquela cuberta que é di oro, qui é di, di oro não, di citim.** (...)  
Aí o rei falô:  
- Cê trouxe mesmo, Piqueno Piqueninho!  
Falô:

---

<sup>1</sup> No original em francês: « et elles étaient toutes sept dans un grand lit, ayant chacune une **Couronne d'or** sur la tête. Il y avait dans la même Chambre un autre lit de la même grandeur ; ce fut dans ce lit que la femme de l'Ogre mit coucher les sept petits garçons (...) Le petit Poucet qui avait remarqué que les filles de l'Ogre avaient des **Couronnes d'or** sur la tête (...) après leur avoir ôté leurs Couronnes d'or qu'il mit sur la tête de ses frères et sur la sienne, afin que l'Ogre les prît pour ses filles, et ses filles pour les garçons qu'il voulait égorger. La chose réussit comme il l'avait pensé (PERRAULT, 1999, p. 118)»

<sup>2</sup>v.n.: voz de narrador; v.p.: voz de personagem.

- Não, eu trouxe di verdade. Agora cê faiz aí o que o **sinhô** quisé, ó. Eu disci du cavalo e eu caí do cavalo. Agora, disci du cavalo e o gigante taí po **sinhô** fazê as paze cum ele.

Tava aquele fuguerão, né? Aí o ... tinha cunvidado uma pução di gente i o siô rei deu um, deu um impurrão assim no gigante (MARQUES, Madalena de Paula. Contadora de histórias. Narração concedida a Anderson de Carvalho Pereira, 26 ago 2006. Gravação digital. 36 min estéreo).

Esse recorte mostra o momento inicial da trama, em que o gigante e a mulher tentam matar Piqueno e Piqueninho, bem como o momento em que o gigante utiliza os serviços de Piqueno e Piqueninho e presenteia o rei com uma coberta.

Temos, assim, tanto o deslizamento de “coroa” para “capacete”, quanto o deslizamento de “coberta de oro” para “di citim”. Esses deslizamentos mostram pistas de um mecanismo de ressignificação.

No momento da introdução da relativa “qui é di oro” vemos não apenas uma estratégia do sujeito-narrador para o controle da deriva por meio da SDR. Temos nessa pista, por meio da oração relativa, uma objetivação da “escolha” do significante “ideal”, na substituição de “oro” por “citim”.

Dessa forma, vemos como a retomada da história canonizada pela tradição oral repercute em marcas de subjetividade. Explicaremos nos próximos parágrafos de que forma isso ocorre, ocupando-nos de questões relacionadas ao caráter automático da cadeia significante e seus “tropeços”, suas “armadilhas”, a que o sujeito se aliena ao tentar “escolher” a melhor forma de dizer X e não dizer Y.

Isso é feito por meio de uma antecipação imaginária da interpretação do interlocutor em relação ao estranhamento possivelmente causado na atribuição da significação de “oro” a uma coberta, e não “citim”. Temos, nesse ponto, a instalação de um rumo para as formações imaginárias, que é o ajuste perfeito do nome à coisa, tal como aponta Authier-Revuz (1998), ao se referir às não coincidências do dizer consigo mesmo.

É próprio dessa não coincidência um mecanismo de aproximação e distanciamento em relação ao Outro, que, por sua vez, revela a dimensão da língua como lei simbólica e arbitrária. É dentro do campo da lei simbólica, que se insere a “escolha” do significante ideal para que o sujeito-narrador não seja interpretado pelo interlocutor a partir de uma posição discursiva de estranhamento ou “non sense”. Assim, o controle da interpretação desloca o dizer para regiões do sentido, tal que aparentemente não instala estranhamento, o que faz parte da condução da linearidade do fio narrativo. É dessa

maneira que o sujeito marca sua distinção em relação ao Outro por meio desse “mesmo” Outro. Afinal, o valor da interpretação do outro (interlocutor), que está filiado também ao Outro, não pode ter uma amplitude tal que não considere que há pelo menos um fio condutor do sentido, no nível do intradiscurso.

Dessa forma, a adequação entre as palavras e as coisas, de que trata Authier-Revuz (1998), pode ser tomada como uma manobra de controle das formações imaginárias (trata-se, também, do jogo imaginário I(a)→I(b), entre sujeito-narrador e efeito-leitor), tal que a dúvida e a hesitação momentâneas entre um significante e outro (“oro” e “citim”) não instalem uma dispersão de vozes prejudiciais à linearidade da trama. Para fazer uma caricatura dessa hesitação, imaginemos que o sujeito-narrador hesitasse antes de cada significante posto em jogo. Tfouni (2008, p.126) comenta esse processo da seguinte maneira:

(...) ao construir a cadeia intradiscursoiva, o sujeito depara-se - a cada ‘vazio’ após a seleção de uma palavra - com um buraco de significação, que teoricamente pode ser preenchido por qualquer palavra que venha completar aquele arranjo. Obviamente, não existe uma liberdade completa de seleção, visto que o simbólico tem suas delimitações, e também porque a palavra que vai entrar ali já está comprometida com o contexto. Porém, o grau de liberdade é imenso. É nesses momentos que a deriva se instala como possibilidade. No momento seguinte, a deriva tanto pode instalar-se concretamente - criando um non-sense, ou a dispersão - quanto pode ser evitada, através da escolha da palavra ‘exata’.

Consideramos o vacilo, do ponto de vista psicanalítico e discursivo, como lugares da cadeia metonímica que impedem a emergência do sujeito, deixando-o à deriva. Obviamente, a “dúvida”, o “vacilo”, não ocorre entre quaisquer significantes. No caso, a coberta “di oro” enunciada num primeiro momento atende às expectativas de retroação na cadeia em relação ao significante “rei”; uma vez que a “coberta” deveria ser entregue pelo “gigante” para o “rei” (este último significante, por associação, remete a “ouro”: coroa de ouro, fato retroativo que justifica a metáfora).

A substituição por “citim”, logo adiante, entretanto, provoca uma ruptura com essa zona dominante do sentido (que faz a correspondência entre “rei” e “oro”). Quando o sujeito faz uso de um significante (“citim”), a estabilidade semântica é assegurada por um significante que dá forma objetiva às verdades subjetivas (LACAN, 1953/1978). Temos aí uma manobra interpretativa do sujeito para lidar com dois significantes que lhe são caros, sendo que a irrupção do real (o vacilo) também deve ser levada em consideração

neste momento em que ele deve “escolher” o significante justo, para que possa emergir como sujeito e construir a significação imaginariamente “ideal”, tendo em vista a alteridade.

Voltemos à retomada de Perrault (1999), operada por um efeito de leitura. Por ora, ainda a propósito do controle da deriva imbuído da atualização da memória discursiva vista pela retomada das SDRs, vemos na inserção do comentário feito pelo sujeito-narrador, em “Ele já tinha subido pa tráis, tinha ido embora, pelo terraço, eles tinha ido imhora”, uma manobra do sujeito-narrador para garantir a retomada de elementos já relatados e antecipar a sequência do fluxo narrativo. Ou seja, a inserção desse comentário permite retomar a pista deixada em “ele num tá aqui não. Aí, eu abri aqui ó”, em que o referente designado pelo dêitico “aqui ó” corresponde a “terraço”.

Como aponta Tfouni (2005), a nomeação contribui para o controle da deriva. Há movimentos de marcação explícita desses nomes, como ocorre com “citim” e nas substituições entre “casa” e “terraço”. Nesse caso, o efeito de unidade, de restrição à interpretação é: somente numa casa há terraço; no caso, para controle da deriva, somente na casa do gigante. Dessa forma, o sujeito-narrador firma o compromisso de naturalização deste sentido com o interlocutor, o que garante a resolução da trama no fio intradiscursivo, por um efeito de literalidade, que deixa de lado os efeitos da heterogeneidade mostrada (AUTHIER-REVUZ, 1982), que custariam caro ao fluxo e se filiam mais consistentemente à retomada da história coletada por Perrault (1999).

A partir destes movimentos entre o controle da dispersão da oralidade e da deriva dos significantes, vemos que existe uma cadeia de significantes utilizados por “dona” Madalena que marca a singularidade do sujeito diante da trama vista em Perrault (1999); trata-se da saída da casa do gigante pelo “terraço”.

Em sequência à análise desse processo de ressignificação, vejamos no próximo recorte como a repetição do uso de um genérico, ainda que sob deslizamento metafórico, auxilia na posição da autoria.

Retomamos aqui Tfouni (2005), para quem os genéricos discursivos, entendidos como máximas, provérbios, axiomas, “slogans”, e ditos populares podem dar suporte ao sujeito no controle da deriva e na assunção da autoria.

**Sequencia Discursiva 2** – (v.n.) O gi, o gigante qué fazê as pazes  
co senhor, mandô até cuberta pu sinhor ó.  
(v. n.) Ele oiô.

(v.p.rei) - Ah é!? Intão, intão, vô dá um jeito di di nós fazê as pazes, **nóis ficá di mal, assim, um sem cunversá co oto, é muito ruim, uai.**

(...)

(v.p. Piqueno e Piqueninho) Mais eu trago o gigante aqui, pu senhor, pu senhor jogá ele, fazê o favor di jogá ele, pa cabá co'a causa duma veiz, essa causa tá muito ruim. **Num pode vivê di mal não; é pecado!** –

(v. n.) Piqueno Piqueninho falô. (MARQUES, Madalena de Paula. Contadora de histórias. Narração concedida a Anderson de Carvalho Pereira, 26 ago 2006. Gravação digital. 36 min estéreo).

Vemos que há um deslizamento de “um sem cunversá co oto, é muito ruim, uai” para “Num pode vivê di mal não; é pecado”.

O uso do genérico “Num pode vivê di mal, é pecado!” abre a interpretação, pois instala um efeito de suspense e expectativa no interlocutor sobre a possibilidade de a amizade ser restabelecida ou não. Ao mesmo tempo em que parafraseia o sentido visto em “um sem cunversá co oto, é muito ruim, uai”, o sujeito-narrador faz convergir dois pontos, aparentemente ligados, mas disjuntos e contraditórios: intradiscurso e interdiscurso. Trataremos desse fato a seguir.

Momentaneamente, o genérico fecha o campo da interpretação, pois atua no controle da deriva, como aponta Tfouni (2005). Assim, pretende expressar uma formação imaginária, que se consolida pela expectativa do interlocutor de que a amizade será restabelecida.

Entretanto, a abertura para a interpretação que, tal como afirma Tfouni (2004), o genérico propicia, converge para o não restabelecimento da amizade, ao final da trama. O sentido dominante que tal genérico veicula não garante, portanto, o restabelecimento da amizade entre os personagens. O campo da interpretação permanece aberto até esse efeito de fechamento da narrativa.

É sabido que a repetição fornece elementos para que o sujeito, mesmo alienado ao sentido dominante, sustente a ilusão do “novo”, do “inaugural”. Assim o efeito da repetição desse sentido, já antecipada em “um sem cunversá co oto, é muito ruim, uai” repercute numa espécie de fechamento momentâneo da interpretação feito pelo uso do genérico, o que fornece uma espécie de pausa na marcação dos pontos pelos quais o sujeito ainda deve passar ao longo do fluxo de significantes da trama para que se instale um efeito de fechamento.

Tal repetição, portanto, alimenta um efeito de unidade entre a forma da antecipação e a inserção do genérico que a retoma, o que contribui para que o sujeito-narrador não se perca na floresta de significantes pelos quais deve passar: a busca da coberta, do papagaio, e, por fim, ajudar a mulher do gigante a rachar lenha.

O foco, neste momento, é apontar como a incidência do nome “Piqueno Piqueninho” pode ser interpretada como um deslizamento do nome “Pequeno Polegar”, que intitula a narrativa coletada por Perrault (1999). O objetivo é analisar a marcação que o sujeito-narrador faz desse uso como tentativa de controle da dispersão e da deriva (TFOUNI, 2001).

Além disso, pretendo analisar como essa marca de alteridade se manifesta com o uso repetido do nome “Piqueno Piqueninho” para se referir aos dois personagens irmãos gêmeos “Piqueno” e “Piqueninho”.

O sujeito-narrador tenta fazer Um, já no título, indicando assim o controle da deriva em relação à narrativa da tradição oral coletada por Perrault (1999). Reside nisso um movimento de denegação, pois afirmando a retomada, o sujeito-narrador a nega, ao atribuir outro nome à trama (no caso, desenvolvida por dois personagens principais e não apenas um; denominados respectivamente “Piqueno” e “Piqueninho”), para afirmá-la novamente quando usa apenas um nome.

Vimos até aqui de que forma, por conta de um efeito de literalidade, podemos apontar algumas retomadas de elementos da história de “Pequeno Polegar”; este efeito de literalidade aqui apontado, porém, não impede a manifestação da singularidade do sujeito por meio da nomeação.

Temos, portanto, uma tentativa de controle da deriva, quando percebemos a filiação da história de “dona” Madalena àquela coletada por Perrault (1999), o que não impede de ocorrer a dispersão indiciada na nomeação “Piqueno” e “Piqueninho”, como é marcada no início da história, e adiante substituída pelo sujeito-narrador por “Piqueno Piqueninho”.

Vejamos adiante esta marcação inicial feita pelo sujeito-narrador em “era dois irmão gêmeo, dois irmão gêmeo. O Piqueno e o Piqueninho” e adiante os usos indistintos dos nomes, como em “Aí o Piqueno Piqueninho tinha um capacete”, ou “cadê o Piqueno Piqueninho?”.

### **Sequência Discursiva 3 – (v.n.) era dois irmão gêmeo, dois irmão gêmeo. O Piqueno e o Piqueninho.**

(...)

(v.n.) **Aí o Piqueno Piqueninho** tinha um um capacete. Tinha um ... **não, é o Piqueno**, gostava de usá capacete. Aí, ele pegô, quando foi durmi eles pusero.

(...)

(v.p. gigante) - E cadê **o Piqueno Piqueninho**?

(v.p. mulher do gigante) - Ah! Ah, ele num tá aqui não. Aí, eu abri aqui ó.

(...)

(v.p. mulher do gigante) - si ocê vê o Piqueno Piqueninho pelo menos **é ele**, puquê fazê matá nossos filhos. (MARQUES, Madalena de Paula. Contadora de histórias. Narração concedida a Anderson de Carvalho Pereira, 26 ago 2006. Gravação digital. 36 min estéreo).

Embora tenha marcado no início da história que se tratava de dois irmãos gêmeos, vemos incidir no processo de condução do fio narrativo a aparição de “Piqueno Piqueninho” como um personagem, nas formas: “é ele”, “o Piqueno Piqueninho – não; é (só) o Piqueno -, gostava de usá capacete”. Nessa última, vemos um momento de dispersão em que a modalização por meio do uso de “não; é o Piqueno” marca o início da história. Entretanto, ao longo da trama vemos predominar o uso do nome “Piqueno Piqueninho”, o que produz o efeito de fusão dos dois personagens-irmãos do início da trama em um só.

Cabe perguntar: quais formações imaginárias estão postas em jogo, seja no caso da marcação de que se trata de dois personagens, seja no caso em que o sujeito-narrador passa a fazer uso de apenas um nome, sem se dar conta de que havia feito a marcação anterior? Em que posição o interlocutor é colocado?

O efeito de sentido que a constante substituição produz é de direcionamento da interpretação do ouvinte, tal que sustente uma interpretação em que é aceito o uso de apenas um nome. Trata-se de um compartilhamento, de certa forma, da aceitação da deriva e da dispersão, por parte do sujeito-narrador, mas tentando, ao mesmo tempo, compartilhar com o interlocutor a necessidade de contenção. O sujeito-narrador toma o interlocutor como testemunha de lançar-se no desconhecimento imaginário. Trata-se de uma espécie de compartilhamento do elo mítico de qualquer história narrada, ou seja, mesmo “sabendo” o que será narrado, é preciso lidar com a dispersão e com a necessidade de pelo menos uma interpretação possível.

Trata-se de uma quase sinonímia entre os nomes. Entretanto, do ponto de vista discursivo, a não aceitação dessa sinonímia obriga a tratar dessa formação imaginária, do

ponto de vista do político, como uma tentativa de interdição à interpretação do outro (interlocutor), por meio de uma tentativa da denegação do Outro.

Nesse caso, é como se tivéssemos um “terceiro elemento” (“Piqueno Piqueninho”, ao invés de “Piqueno” e “Piqueninho”) no intradiscurso, um “terceiro personagem”, que aparece nas manobras de sustentação do fio narrativo para dar a garantia, ao sujeito-narrador, de que não vai se perder em meios às vozes do Outro. É a garantia de que não precisará marcar a todo tempo as atitudes de “Piqueno” e de “Piqueninho”; portanto, que leva o sujeito-narrador a executar manobras de nomeação que oferecem uma economia de elementos (um, em lugar de dois personagens), e isso simplifica, também, a construção de diálogos e as retomadas da trama pela retroação narrativa.

É como se o sujeito-narrador “lançasse dados” (utilizo-me aqui da metáfora lacaniana do jogo dos dados; LACAN, 1985) para o alto e, no momento de recolhê-los, por ter jogado “menos dados” tivesse um maior controle da combinatória ali expressa. É isso o que ocorre, por exemplo, num dos poucos momentos da trama em que o sujeito-narrador volta a marcar que se trata de dois personagens, quando diz: “(v.n.) Ela falou assim po, po Piqueno, po Piqueno Piqueninho (...) (v.p. mulher do gigante) - Cê pareceu!”.

Mesmo assim, ao marcar essa fala dirigida pela mulher do gigante aos irmãos gêmeos, o sujeito-narrador “não se arrisca”, pois, neste mesmo momento, por meio da repetição provoca uma reviravolta de “po po Piqueno” para “po Piqueno Piqueninho”.

Entretanto, essa manobra não se sustenta por longo tempo, uma vez que, tal como vemos em “Aí o Piqueno Piqueninho tinha um um capacete. Tinha um ... não, é o Piqueno, gostava de usá capacete. Aí, ele pegô, quando foi durmi eles pusero”, há uma instalação de dispersão, com a qual o sujeito-narrador é obrigado a lidar e, como mostrarei adiante, obtém êxito por meio de suas manobras interpretativas de retroação.

Vemos que o uso de um nome referindo-se a um personagem alimenta o efeito de literalidade da retomada da narrativa de Perrault (1999). Essa paráfrase é necessária para que, a partir de limites dos sentidos vindos do Outro, o sujeito-narrador esteja autorizado a se posicionar filiado ao discurso narrativo, tal que o leitor reconheça ali uma “realidade significativa” (ORLANDI, 2001). Entretanto, vemos, sob o disfarce dessa nomeação, um movimento de espontaneísmo criacionista (efeito de originalidade do esquecimento

número um) visto em “era dois irmão gêmeo, dois irmão gêmeo. O Piqueno e o Piqueninho”, a partir de uma assertiva imaginária (nomear dois irmãos).

Dessa forma, o efeito do esquecimento número um (PÉCHEUX, 1993) aparece como um recurso necessário para o sujeito se filiar ao discurso narrativo e fazer uso dessas retomadas; entretanto, isso não o impede de estar submetido à dispersão e à deriva (sob efeito do esquecimento número dois); que são mostradas aqui por meio da contradição do efeito da nomeação.

Isso indica que esse efeito da nomeação aparece como um bloco homogêneo (“Piqueno Piqueninho”); ao mesmo tempo em que, marcado por dois tópicos diferentes, instala no interlocutor uma espécie de “confusão” no acompanhamento do fio intradiscursivo. Ainda assim, a posição de autoria é garantida, tanto pelo controle da deriva, e na marcação inicial de que se trata de dois personagens, quanto pelo controle da dispersão, pois, ancorada num efeito de textualidade, garantido por uma possível leitura, que se aliena, ao mesmo tempo em que se diferencia da voz da oralidade (no caso, a retomada da história coletada por Perrault, 1999), é possível acompanhar a trama como uma maneira singular de o sujeito se manifestar (um estilo). A nosso ver, esse acontecimento de retomada e conseqüente ressignificação marca a impossibilidade de o sujeito fugir da estrutura, pois, no ato de nomear, ainda que sob a ilusão da criação original, o sujeito submete-se à estrutura simbólica mais ampla à qual se aliena constitutivamente, fato que marca sua sobredeterminação.

É impossível fugir da estrutura quando o sujeito está alienado ao Outro, o que, no caso, supõe considerar as várias vozes discursivas, tanto no plano do interdiscurso (o processo de ressignificação da narrativa “Pequeno Polegar”), quanto no plano do intradiscurso, em que, mesmo havendo sinais de dispersão, a autoria se garante pela maneira de o sujeito-narrador controlá-la, por meio de conectores textuais, como pode ser visto em “Aí o Piqueno Piqueninho tinha um um capacete. Tinha um ... não, é o Piqueno, gostava de usá capacete. Aí, ele pegô, quando foi durmi eles pusero”.

A dispersão aí se marca pela retroação entre o anúncio por meio de um tópico “Aí o Piqueno Piqueninho”, seguida pela hesitação explicitamente marcada em “tinha um... não, é o Piqueno, gostava de usá capacete. Aí, ele pegô, quando foi durmi eles pusero”. Mesmo com esses sinais de dispersão (“ele”; “eles”), o sujeito-narrador promove uma interligação dos significantes e do efeito textual, ao indicar que o “Piqueno” pegou o

capacete, porque ele “gostava de usá”, e “eles puseru” o capacete. Portanto, o controle da dispersão ocorre em função da pronominalização que aparece no jogo entre “ele” (o Piqueno, que era quem “gostava de usá”) e o uso de “eles”, pois os dois irmãos gêmeo “Piqueno” e “Piquenininho” usaram o capacete.

É possível notar então que o sujeito-narrador deixa de lado a sobreposição dos dois nomes reduzidos num referente (“Aí o Piqueno Piquenininho tinha um um capacete.”) para a virada na maneira do modo de nomeação, quando diz “Tinha um... não, é o Piqueno, gostava de usá”.

Isso parece mostrar que o sujeito-narrador, sem se dar conta, opera uma tomada de posição, quando percebe que o uso que faz na maior parte da narrativa de um nome para se referir a ambos os personagens deve ser substituído por algum elemento ausente (ao mesmo tempo, presente) que marque a distinção entre ambos. Assim garante o controle da deriva e da dispersão, e a responsabilidade, características da autoria. Nesse momento da condução do fio narrativo, a linearidade é garantida quando o sujeito-narrador deixa de usar o ver “ter” em o “Piqueno Piquenininho tinha um capacete” e o substitui pelo verbo “gostar” em “Tinha um... não, é o Piqueno, gostava de usá”. O uso do verbo “gostar” impede o sujeito-narrador de avançar na condução da trama atribuindo o uso do “capacete” somente a um personagem (no caso, “Piqueno Piquenininho”).

É possível concluir, portanto, que o controle da deriva e da dispersão, além de garantido em parte pelo uso de *shifters* e de genéricos discursivos, pode ser efetuado também pela nomeação, como já foi apontado por Tfouni (2005). Estes fatos sintáticos, todavia, não devem ser tratados de forma isolada, mas implicados ao efeito de textualidade e à textualização, efeito esse que, no caso, é garantido quando, ao final da trama, sabe-se que, mesmo que o sujeito-narrador utilize apenas um nome “Piqueno Piquenininho”, foram os dois personagens que usaram o “capacete”.

Dessa maneira, a ilusão de origem do dizer do sujeito-narrador, assinalada num primeiro efeito de leitura da narrativa, a partir do efeito de literalidade da narrativa de Perrault (1999), começa a dar lugar ao descentramento do sujeito, possível de ser apontado a partir da posição de analista.

Pela análise indiciária, o analista realiza alguns movimentos *a posteriori* sobre a cadeia discursiva. Estes movimentos de retroação acompanham, em parte, os próprios movimentos do sujeito-narrador que, ao lançar os significantes num patamar além da

linearidade do fio narrativo, retroage com o dizer, para amarrá-los num eixo em que os efeitos de sentidos tornam-se possíveis de ser disputados, por conta de uma textualidade possível (como da retomada de Perrault, 1999) e de uma textualização marcada pelo efeito de completude da trama. Esse último efeito ocorre quando os dois irmãos (mesmo marcados pelo nome “Piqueno Piqueninho” e não “Piqueno” e “Piqueninho”) aparecem como elementos centrais que marcam o fechamento do fio narrativo.

Consideramos que é nesse movimento de se “perder” e se “encontrar” ligado à nomeação - a qual não promove apenas controle da interpretação, mas também abertura -, que temos, contraditoriamente, possibilidades de ver marcada a autoria. Isso é possível ainda por meio do encadeamento de fatos sintáticos que acompanham, na cadeia discursiva, o uso da nomeação.

### **Considerações finais**

A singularidade dos gestos de interpretação apontadas na análise acima indica, sobretudo, que o uso da nomeação pode possibilitar ao sujeito marcar sua singularidade por um movimento contraditório entre alienação e separação com relação a algumas regiões do sentido.

Desse modo, o jogo discursivo em questão possibilita uma valorização da forma oral do discurso, por meio do resgate da pluralidade de vozes da oralidade e, contraditoriamente, pela maneira de o sujeito mobilizar recursos do discurso da escrita, que o significa como não-alfabetizado. Examinamos aqui dois desses recursos: o efeito de unidade (síntese) e a revisão (retroação) do dizer.

### **Referências**

AUTHIER-REVUZ, J. Hétérogénéité montrée et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l'Autre dans le discours. **DRLAV**. Paris, no.26, 91-151, 1982.

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras Incertas: as não coincidências do dizer**. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP. 1998.

CASCUDO, L.C. **Literatura oral no Brasil**. Belo Horizonte/MG: Itatiaia. São Paulo/SP: Ed. da USP. 1984.

CASCUDO, L.C. Prefácio. In L.C. Cascudo. **Contos Tradicionais do Brasil**. Rio de Janeiro/RJ: Ediouro. 2003.

ENTREVISTA. MARQUES, Madalena de Paula. Contadora de histórias. Narração concedida a Anderson de Carvalho Pereira, 26 ago 2006. Gravação digital. 36 min estéreo.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e História**. São Paulo/SP: Cia. Das Letras. 1989.

GUILHAUMOU, J. ; MALDIDIER, D. & ROBIN, R. **Discours et archive**. Liège : Pierre Mardaga éditeur. 1994.

LACAN, J. Le mythe individuel du nevrosé ou poésie et vérité dans la névrose. **Ornicar?**, no. 17-18, Paris: Seuil, p. 290-307. 1953/1978.

\_\_\_\_\_. **O Seminário de Jacques Lacan - Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar editor, 1ª.ed., 1968/1985.

INDURSKY, F. Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de Formação Discursiva. In R.L. Baronas (Org.). **Análise do Discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva**. São Carlos/SP: Pedro & João editores. 2007. pp. 75-87.

ORLANDI, E.P. Discurso e texto. In E.P. Orlandi. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis/RJ: Vozes. 2001. pp.52-62.

PECHEUX, M. La sémantique et la coupure saussurienne. In D. Maldidier (Org.) *L'inquiétude du discours*. Paris: Cendres. 1990. pp.133-153.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas/SP: UNICAMP. 1993.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In E.P. Orlandi (Org.). **Gestos de Leitura: da história no discurso**. Campinas/SP. Ed. da UNICAMP. 1997. pp. 55-67.

PERRAULT, C. Peau d'Âne. In.: C. Perrault. *Contes*. Paris: Gallimard. 1999. pp.29-51.

TFOUNI, L. V. O dado como indício e a contextualização do (a) pesquisador (a) nos estudos sobre compreensão da linguagem. *D.E.L.T.A*, 8(2), 1992a, 205-223.

\_\_\_\_\_. **Letramento e Analfabetismo**. Tese de Livre Docência não publicada, 1992b, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto/SP.

\_\_\_\_\_. A dispersão e a deriva na constituição da autoria e suas implicações para uma teoria do letramento. In.: SIGNORINI, I. (org.). *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas/SP: Mercado de Letras (col. Idéias sobre linguagem), 2001, p.77-97.

\_\_\_\_\_. Letramento e autoria: uma proposta para contornar a dicotomia oral e escrita. **Revista da ANPOLL**, 18, 2005, 127-141.

\_\_\_\_\_ **Letramento e Alfabetização.** São Paulo/SP: Cortez. 2004.

\_\_\_\_\_ Autoria e contenção da deriva, in TFOUNI, L. V. (org.) **Múltiplas faces da autoria.** Ijuí: RS, Editora da UNIJUÍ, 2008. pp.141-158.

### **Entrevista**

MARQUES, Madalena de Paula. **Contadora de histórias.** Narração concedida a Anderson de Carvalho Pereira, 26 ago 2006. Gravação digital. 36 min estéreo.

[Recebido: 19 mar. 13 - Aceito: 18 jun. 13]